



A profecia bíblica na defesa da justiça e da vida.

Se calarem a voz dos profetas as pedras falarão (Lc 19,40)

The biblical prophecy in the defense
of justice and life.

If the voice of the prophets be silent,
the stones will cry out (Luke 19,40)

*Rogério Zanini**
Itepa Faculdades

*Dorvalino Belegante***

Recebido em: 10/06/2020. Aceito em: 17/06/2020.

Resumo: *A presente reflexão, a partir de uma abordagem teológica, tem por objetivo compreender o movimento profético bíblico na defesa da justiça e da vida dos pobres. O mundo atual com sua crescente desigualdade social exige mais*

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, RS, 2020). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, 2012). Especialização em Metodologia Pastoral (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, 2009). Graduado em Teologia (Instituto de Teologia e Pastoral, ITEPA, Passo Fundo, RS, 2004). Graduado em História (Universidade do Oeste de Santa Catarina, UNOESC, Chapecó, SC, 2000).
E-mail: zaninipastoral@hotmail.com

** Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo, São Paulo, SP, 2003). Graduado em Teologia (Instituto de Teologia e Pastoral (ITEPA), Passo Fundo, RS, 2000). Graduado em Filosofia (Fundação Educacional de Brusque, FEBE, Brusque, SC, 1984). É assessor na área bíblica no Curso de Teologia e Pastoral para Leigos (CTPL) e da Escola Diocesana de Catequese na Diocese de Chapecó, SC. Pároco da Paróquia Divino Espírito Santo de Dionísio Cerqueira, SC.
E-mail: pebelegante@yahoo.com.br



profetas, que corajosamente denunciam este modelo de sociedade excludente e anunciam outro estilo de vida. A pandemia desvelou um sistema capitalista sem coração, que prioriza o capital, a economia e não a vida. A crise provocada pela pandemia desmascarou um vírus ainda pior: o da indiferença egoísta? Portanto, contexto social, político e religioso profícuo para não deixar cair a profecia, conforme pedido do profeta Dom Helder Camara. Questão de fundo que justifica e valida a preocupação de buscar na mística profética, elementos que impulsionam à missão dos cristãos de caminhar com Deus praticando a justiça, a misericórdia e o amor na história (Mq 6,8).

Palavras-chave: Profetas. Justiça social. Vida.

Abstract: *This reflection, from a theological approach, aims to understand the biblical prophetic movement in defense of justice and in the lives of the poor people. The current world with its growing social inequality, demands more prophets, who hardly denounce this model of exclusionary society and announce another lifestyle. A pandemic has developed a heartless capitalist system that prioritizes capital and economy but not life. A pandemic crisis unmasked an even worse virus: the selfish indifference. Therefore this is a profitable social, political and religious context to do not let down the prophecy, as requested by prophet Dom Helder Camara. A fundamental question that justifies and validates a concern in the search for a prophetic mystique, are the elements that motivate the mission of Christians to walk with God practicing justice, mercy and love in history (cf. Mq 6,8).*

Keywords: Prophets. Social justice. Life.

Introdução

“Cinquenta anos depois do Concílio Vaticano II [1965], apesar de nos entristecerem as misérias do nosso tempo e estarmos longe de otimismo ingênuos, um maior realismo não deve significar menor confiança no Espírito nem menor generosidade” (EG 84). É necessário enfrentar a realidade sem voltar a ouvir as palavras pronunciadas por João XXIII: “devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo”.¹ Evangelizar é honrar o Reino de Deus enfrentando os males (os pecados), agindo profeticamente na força do Espírito, sem medo de abraçar as realidades do mundo (Jo 3,16). Sem esquecer que a Igreja realiza sua missão com o remédio da misericórdia e do amor manifestado de uma vez por todas em Jesus Cristo.

Tais provocações indicam o objetivo dessa reflexão. Compreender a missão da profecia na ótica bíblica, considerando o contexto sociopo-

¹ DISCURSO do Papa João XXIII na abertura do Concílio – 11 de outubro de 1962. n. 4.



lítico de sua atuação, bem como sua relevância para a prática cristã na sociedade contemporânea. Fundamentalmente, trata-se de perceber o amor dos profetas manifestado na defesa irrenunciável da justiça e da vida dos pobres. Esse testemunho dos profetas levará a perguntar-se pelas consequências para a vida da Igreja, se realmente deseja anunciar o Evangelho do Reino em um mundo marcado por grandes desigualdades e injustiças sociais.

A reflexão que segue busca abarcar três tópicos. Primeiro, a necessidade de retomar a profecia perante uma sociedade capitalista que descarta a vida e produz morte. Em segundo lugar, compreender a identidade e o estilo de vida dos profetas, considerando o testemunho, o anúncio e a denúncia como características intrínsecas no coração do verdadeiro profeta. Em terceiro, a missão dos profetas como anunciadores da justiça, da solidariedade e da mística para refazer o tecido social e alimentar a esperança de “outro mundo possível”.

1 O clamor da realidade convoca a profecia

A realidade está mexida e o mundo já não é mais o mesmo com a passagem do Covid-19. Não significa, obviamente, que o mundo se converteu, no sentido de perceber as contradições da globalização, da política econômica adotada, do modelo de sistema capitalista vigente, e da necessidade urgente de mudanças estruturais e globais. Na verdade, a pandemia possibilitou olhos novos para ver uma realidade até então submersa e facilmente ocultada pelas ideologias do sistema capitalista. Talvez o elemento principal, oriundo desse contexto, seja a percepção da gritante desigualdade social existente no mundo. E como denuncia o Papa Francisco: “A desigualdade é a raiz dos males sociais” (EG 202). Sintoma de uma sociedade doente e apelo à necessidade de mudanças estruturais profundas, não porque “a desigualdade social provoca a reação violenta de quantos são excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto na sua raiz” (EG 59).

Surge a urgência e o apelo inadiável em vista de outro “estilo de vida”. No fundo, é o chamamento para a necessidade de olhar as raízes, sobre as quais estão alicerçados os valores e as prioridades da vida da humanidade. Levar a sério os efeitos da pandemia possibilita tomar consciência da gravidade dos problemas do mundo. Seriedade necessária para avançar mais além da superfície da realidade, segundo o Papa Francisco.



Se nos detivermos na superfície, pode parecer que as coisas não estejam assim tão graves e que o planeta poderia subsistir ainda por muito tempo nas condições atuais. Este comportamento evasivo serve-nos para mantermos os nossos estilos de vida, de produção e consumo. É a forma como o ser humano se organiza para alimentar todos os vícios autodestrutivos: tenta não os ver, luta para não os reconhecer, adia as decisões importantes, age como se nada tivesse acontecido (QA 53).

Observada a partir dessa perspectiva, a pandemia é uma chacoalhada para a humanidade constatar, por um lado, seus problemas urgentes e inadiáveis perante a integralidade da vida que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8,22), e, por outro lado, a necessidade de assumir outro paradigma civilizatório, no qual tudo está interligado e formando a “casa comum”. “O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS 13).

Por isso, essa crise pode surgir como um acrisolamento *providente* para perguntar-se pela missão do ser humano dentro da criação. Em que direção caminha a humanidade? Quais os valores que contam? Os cristãos, na pessoa de Jesus Cristo, respondem assegurando a necessidade de formar uma nova humanidade. Parodiando São Paulo: não haja diferenças entre gregos e judeus, homens e mulheres, escravos e livres, povos e nações, países desenvolvidos e países pobres, porque todos são irmãos (cf. Gl 3,28). Portanto, um caminho de vida em abundância para toda a humanidade. Integrando a vida da criação, a justiça e o direito de todos os povos de viverem em harmonia na grande família humana. Essa nova realidade seria o Reino de Deus acontecendo como Boa Notícia na história (Mc 1,15).

A Igreja enquanto querida pelo Bom Pastor, e nas pegadas dele, deve entrar pela porta do Evangelho para ser voz profética no mundo. Condição necessária para ser uma Igreja profética, samaritana e Pascal, que derrama o óleo da misericórdia e do amor aos enlameados e caídos da estrada.

1.1 “Não deixe cair a profecia” (Dom Helder Camara)

Marcelo Barros testemunha que esta “foi a última palavra que dele escutei. Era a quinta-feira, 07 de agosto de 1999”.² A profecia é

² Disponível em: <http://institutodomhelder.blogspot.com/2015/07/nao-deixe-cair-profecia1.html>. Acesso em: 8 maio 2020.



parte integrante do anúncio da proposta cristã e a memória dos profetas é a autêntica prova de uma fé encarnada e preocupada com a justiça e a paz. Os profetas são sempre uma *memória perigosa*, porque inconformados com as injustiças e desigualdades sociais, esperneiam, protestam, incomodam e teimosamente entregam à vida para construir “outro mundo possível”. “Não deixe cair a profecia”, foi o último pedido do profeta dom Helder Camara. E as razões são diversas para voltar aos profetas na atualidade.

- 1) A compreensão de que os profetas bíblicos são partes integrantes da Tradição cristã, e, por isso, passagem obrigatória inclusive para entender Jesus, como ponto culminante da profecia do Antigo Testamento. Como bem esclarece a *Dei Verbum*: “Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Hb 1,1-2)” (DV 4).
- 2) Porque os profetas são anunciadores de uma esperança encarnada no lamaçal da história. Voltar aos profetas é como estar diante de uma fonte de água cristalina. Assim como a água refaz as energias do caminhante fadigado, desanimado, os profetas ajudam a superar as crises, vencer os obstáculos e não abandonar o sonho da Aliança de Deus com a humanidade. Não sem crises e desânimos, os profetas são como lamparinas que mantêm a utopia fumegando na defesa da justiça e da vida. Como dizem os Bispos: “A presença profética que saiba levantar a voz em relação a questões de valores e princípios do Reino de Deus, ainda que contradiga a todas as opiniões, provoque ataques e só fique no anúncio. Isto é, que seja farol de luz, cidade colocada no alto para iluminar” (DAp. 518, letra I).
- 3) Com ajuda do biblista Carlos Mesters, destaca-se a importância de voltar aos profetas por uma dupla razão. Por um lado, pela maneira como analisam e criticam a sociedade denunciando os pecados e a exploração por parte das classes dirigentes, de modo particular, os reis e suas cortes no tempo da monarquia. Por outro lado, os profetas testemunham o amor de Deus que não abandona o povo. O determinante é a percepção por parte dos profetas que a luz não está no fim do túnel, mas se faz presente no meio do túnel. Quer dizer, os profetas iluminam a realidade



sinalizando uma luz existente no percurso da história.³ Por isso, são profetas na história e não podem ser confundidos com adivinhadores do futuro. Como pessoas, encarnadas nos sulcos da história e conhecedoras, a partir de dentro da realidade, são fermento, sal e luz. Essa contribuição se torna fundamental para alimentar a esperança cristã como horizonte definitivo, sem, contudo, perder ou deixar os problemas do mundo. A esperança, nesse horizonte, está lá na frente, ou seja, é o que se espera, mas também, é uma esperança que empurra a história rumo à meta esperada. Dizendo biblicamente, caminha-se como cristãos para a “Jerusalém celeste”, ou seja, transformando as “cidades terrenas” à luz da “celeste”, aberta pelo acontecimento Pascal de Jesus Cristo. “A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história” (EG 181).

- 4) Outra razão pertinente na realidade atual é a disputa pelo significado das palavras, e a compreensão do ser profeta. Recentemente, por exemplo, o presidente do Brasil foi chamado de “profeta” e, também, expressou ser “messias”, mas não fazer milagres. “E daí? Eu sou Messias, mas não faço milagres”. O comentário do presidente surgiu quando foi questionado sobre os 5.017 óbitos devido à Covid-19.⁴ Declarações dessa envergadura trazem à tona as perguntas: O que significa ser profeta biblicamente? Como identificar os verdadeiros dos falsos profetas? É o confronto entre os profetas das desgraças, como se referiu João XXIII, os falsos profetas, ídolos sanguinários e os profetas verdadeiros chamados por Deus para defender a justiça, o direito e a vida do povo. “Os cristãos somos portadores de boas novas para a humanidade, não profetas de desventuras” (DAp. 30).

Essas quatro razões são suficientes para justificar a relevância e atualidade da profecia, tanto no sentido de manter vivo o apelo de Dom Helder Camara: “não deixe cair a profecia”, bem como da necessidade de voltar às fontes do movimento bíblico profético.

Esse caminho profético se reacendeu na história da Igreja, fortemente a partir do Concílio Vaticano II (1965). É em torno do

³ MESTERS, Carlos. *O profeta Jeremias: um homem apaixonado*. São Paulo: Paulus: CEBI, 2016.

⁴ Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/e-dai-eu-sou-messias-mas-nao-faco-milagres-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortes-no-pais-12130103.html>. Acesso em: 8 maio 2020.



acontecimento conciliar que surgem um movimento de retomada da importância da Igreja dos pobres. Primeiro, as palavras proféticas de João XXIII, que, entre os objetivos estavam em ser uma Igreja pobre e para os pobres. Essa opção pelos pobres, entretanto não foi assumida de forma explícita e contundente como queria João XXIII. Entrou e ganhou relevância em dois textos significativos do Concílio (LG 8 e GS 1). Mas, foi sobretudo, na recepção criativa e profética de Medellín (1968) e nas conferências posteriores (Puebla em 1979, Santo Domingo em 1992 e Aparecida em 2007) que a opção pelos pobres ganhou estatuto teológico. Em seu discurso inaugural da Conferência de Aparecida, o Papa Bento XVI afirmou claramente: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (2Cor 8,9)”.⁵

2 Chave bíblica: profetas na defesa do amor e da justiça

Se falamos em chave bíblica é para contornar o necessário recorte da amplitude profética presente no Antigo Testamento. Encontram-se livros proféticos, pessoas e grupos de profetas e profetisas atuando com palavras e, também, com gestos simbólicos (Is 8,3; Ez 12,1-11; Rt 3,9). Assim, deparamos com um movimento profético, que não cabe em uma única abordagem. Determinar o ângulo, neste caso, é fundamental para flexionar a identidade dos profetas. Interessa, sobretudo, perceber que os profetas surgem em momentos de crise, quando o povo se encontra ameaçado e dividido, quando a injustiça leva a idolatria e a perda da identidade cultural.

Tomando como alinhamento a reflexão realizada por Samuel Almada, se pode considerar que a perspectiva profética e bíblica esclarece que a palavra de Deus, coincide basicamente com os clamores de justiça dos oprimidos, dos excluídos, dos migrantes, dos indígenas, dos pobres... que sofrem todo tipo de violência e suportam as injustiças da história. Todos estes têm voz, porém não são escutados. Portanto, estes são os verdadeiros mensageiros de Deus da vida e da história que chamam o mundo ao arrependimento e a conversão, a mudança e a transformação

⁵ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 9 maio 2020. n. 3.



social.⁶ Nessa chave se busca explicitar duas questões: a identidade dos profetas e, como não podemos servir a dois senhores (cf. Mt 6,24), discernir entre verdadeiros e falsos profetas.

2.1 A identidade dos profetas no Antigo Testamento

No Antigo Testamento não era tão claro o que vinha a ser um profeta. Em alguns textos, o profeta parece ser uma pessoa meio doida, que dança, tira a roupa, cai em delírio (1Sm 19,23-24), interpreta sonhos (Dt 13,2-4), consulta a Deus (1Sm 28,6.15), e ganha a vida com suas profecias (Am 7,12). Em outros textos, porém, o profeta parece ser uma pessoa importante (1Sm 3,20), chamada para guiar o povo como Moisés (Dt 18,15-18). Moisés quer que todo o povo seja profeta (Nm 11,29) e Joel garante que todos, um dia, vão profetizar (Jl 3,1). No entanto, Amós não aceita ser chamado de profeta (Am 7,14) e Zacarias manda matar a quem se diz profeta (Zc 13,3-6). E, além dos profetas, também, encontram-se profetizas: Miriam (Ex 15,20), Débora (Jz 4,4), a esposa de Isaías (Is 8,3), Noadías (Ne 6,14) e as profetizas de quem fala Ezequiel (Ez 13,17-19).⁷

É significativa a presença atuante das profetisas dentro do movimento profético, mas elas nem sempre são uma presença *visível* na literatura bíblica. Ficam à margem dos grandes profetas e, sobretudo, na reflexão bíblica. Neste sentido, as mulheres teólogas prestaram um valioso contributo às pesquisas bíblicas. Elas redescobriram as profetisas *invisíveis* nos porões da Bíblia, ao perceberem que atrás das molduras textuais, marcadamente patriarcais, se faziam presentes mulheres atuantes e profetisas. Como sublinha Lúcia Weiller, as mulheres na Bíblia aparecem designadas, infelizmente, como na praxe dos contextos sociais da atualidade: seus nomes são substituídos por sua função familiar ou relacional. A mãe dos Macabeus (2Mc 7); a mulher do profeta (Is 8,3); a viúva de Sarepta (1Rs 17,9-24); a viúva de Naim (Lc 7,12); a mãe dos filhos de Zebedeu (Mt 20,20) entre muitas outras.

Estas constatações nos previnem, por um lado, de que vamos encontrar poucos escritos sobre as mulheres profetisas. Por outro, o fato de

⁶ Cf. ALMADA, Samuel. Biblia y Teología para trabajar por la justicia y la paz en el mundo actual. In: CARAM, María José e LEGUIZAMÓN, María Alejandra (org.). *La justicia y la cuestión del otro vulnerable*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2019. p. 50-51.

⁷ Cf. MESTERS, Carlos. *Conhecendo o Processo de Formação do Povo de Deus*. São Paulo: Cebi, 1995. p. 32. (Curso Bíblico. v. I).



*constatar explicitamente a figura feminina do profetismo de Israel, nos oferece um dado positivo que tem muita força, justamente, por causa do contexto adverso a partir do qual o texto foi escrito.*⁸

Na Antiguidade havia também os profetas de Javé (1Rs 18,4), entre os quais se destacam: Elias, Amós, Oséias, Miquéias, Isaías, Jeremias e outros. Eles viviam em grupos (1Sm 10,10) ao redor de Samuel em Ramá (1Sm 19,20), ou de Elias e de Eliseu, em Betel e Jericó (2Rs 4,1.38). Eram casados (2Rs 4,1) e, também, chamados irmãos ou filhos dos profetas (2Rs 4,1.38). Havia também os profetas de Baal, igualmente numerosos (1Rs 18,13.22). O povo chegou a reconhecer a ação da profecia em pessoas que nem eram do povo de Deus, por exemplo, Balaão. Até uma jumenta podia ser portadora de uma profecia (Nm 22,22-35).⁹

Essas constatações informam da diversidade de profetas no Antigo Testamento, e suas diferentes características, *servem para todos os gostos*. Essa ambiguidade na profecia, obriga a investigar com maior objetividade, a identidade dos profetas. Para Carlos Mesters, na sua origem, o profetismo não surge tanto do lado do poder, da instituição, do governo ou da organização, surge muito mais do lado da inspiração, da poesia, do transe, da música, do sonho, da beleza, da arte, do oráculo, da religião, da oração e da mística. São muitas palavras para indicar uma determinada maneira de se captar a realidade e de se reagir diante dela.¹⁰

No povo da Bíblia, havia esses grupos de artistas, cantores ou poetas, grupos populares, misturados com a religião chamados de profetas (1Sm 10,10; 19,20-24). Em grego (*pro-phetes*) é aquele que fala, ou alguém que fala em nome de, ou aquele que fala na presença de.¹¹ No hebraico, a palavra “*nabi*” significa chamado, enviado, arauto ou anunciador. Temos também a palavra “*hozeh*”, que significa vidente, visionário. Os profetas eram muito procurados para resolver os problemas da vida do povo, através de uma consulta à divindade: problemas de saúde (1Rs 17,17-22), insalubridade da água (2Rs 2,19-22), perda de

⁸ WEILER, Lucia. Fidelidad y profecia desde una perspectiva de mujeres profetizas. Revista CLAR. Año XLV, n. 3. p. 23. Tradução nossa.

⁹ Cf. MESTERS, Carlos. *Conhecendo o Processo de Formação do Povo de Deus*. (Curso Bíblico. v. I. p. 32); Cf. A LEITURA Profética da História. São Paulo. CRB: Loyola, 1992. p. 16. (Col. Tua Palavra é Vida, 3).

¹⁰ Cf. MESTERS, Carlos. *Conhecendo o Processo de Formação do Povo de Deus*. São Paulo: Cebi, 1995. p. 33. (Curso Bíblico. v. I).

¹¹ VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Profecia: resistência e esperança*. São Paulo: Paulinas; Siquém. 2003. (A História da Palavra I, p. 96).



um jumento (1Sm 9,5-10), defesa do território (Nm 22,2-6) e outros. Há uma certa analogia entre eles e os nossos beatos, benzedeiros, mães-de-santo e pais-de-santo.¹²

Os reis e os governadores procuravam o apoio destes grupos, pois em geral, os governantes pretendiam exercer o poder em nome de Deus. O apoio de um profeta significava o apoio da divindade e garantia a obediência dos súditos. Era uma confirmação divina do poder humano. Assim, no começo da história do povo da Bíblia, todas as mudanças no poder tiveram o apoio de um profeta: Samuel foi procurado pelos chefes que queriam a mudança do sistema tribal para a monarquia (1Sm 8,4-5). Os reis Saul, Davi e Salomão foram apoiados por um profeta (1Sm 10,1; 10,24; 16,12-13; 2Sm 7,1-17; 1Rs 1,34). Jeroboão que provocou a separação entre Judá e Israel teve apoio de um profeta (1Rs 11,29-31). Em muitas ocasiões, quando os reis estavam diante de uma decisão importante, recorriam aos profetas (1Rs 22,5).¹³

No seu início, a monarquia teve o apoio crítico dos profetas, alguns deles chegaram a ser conselheiros do rei (1Sm 22,5; 2Sm 24,11-19). Mas quando a monarquia se desviou para criar um sistema contrário a Aliança e ao projeto de Deus (1Rs 19,10.14), os profetas tomaram um rumo independente. Transformaram-se em força crítica, livre diante do poder, expressão liberdade do próprio Deus. É o surgimento da permanente tensão entre profecia e monarquia.¹⁴

Esta rápida entrada na literatura do Antigo Testamento deixa entrever a dificuldade de compreender os profetas bíblicamente e o necessário discernimento. Perpassa uma mistura fina ficando difícil distinguir o verdadeiro do falso profeta. Atuação dos profetas ocorre dentro de uma

¹² Cf. MESTERS, Carlos. *Conhecendo o Processo de Formação do Povo de Deus*. São Paulo: Cebi, 1995. (Curso Bíblico. v. I, p. 33).

¹³ Cf. A LEITURA Profética da História. São Paulo. CRB; Loyola, 1992. p. 17-18. (Col. Tua Palavra é Vida, 3).

¹⁴ Cf. A LEITURA Profética da História. São Paulo. CRB; Loyola, 1992. p. 18. (Col. Tua Palavra é Vida, 3). Dentro deste período, é importante fazer uma consideração na postura dos profetas em relação ao rei. Para José Sicre, ocorrem três movimentos progressivos de distanciamento por parte dos profetas em relação ao rei. O primeiro pode ser definido de proximidade física e de distanciamento crítico em relação ao monarca. O segundo momento se caracteriza pelo distanciamento físico que vai se estabelecendo entre o profeta e o rei. E o terceiro momento concilia a distância progressiva da corte com a proximidade, cada vez maior, ao povo. Cf. SICRE, José Luis. Profetismo. In: SAMANES, C. F.; TAMAYO ACOSTA, José (org.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 657-658.



linha tênue na história. O biblista José Luiz Sicre fala da necessidade de superar uma visão distorcida e problemática dos profetas. Esclarece, todavia, que em determinados momentos os profetas estão conscientes de revelar coisas ocultas. “Mas sua missão principal é iluminar o presente, com todos os seus problemas concretos: injustiças sociais, política interior e exterior, corrupção religiosa, desespero e ceticismo”.¹⁵ E chama atenção para quatro aspectos mais evidentes na identidade profética:¹⁶

1. O profeta como uma pessoa inspirada no sentido estrito da palavra. “Em Israel, ninguém teve consciência tão clara de que era Deus que falava e de ser porta-voz do Senhor como o profeta”. O profeta anuncia o que recebe do Senhor, ou seja, “seu único apoio, sua força e sua fraqueza, é a palavra que o Senhor lhe comunica pessoalmente, quando quer, sem que ele possa se negar a proclamá-la”. A diversidade da maneira como aparece e as consequências podem ser verificadas nos textos proféticos (Am 1,2; Jr 15,16; 42,1-7; 20,9; Jn).
2. O profeta é uma pessoa pública. “Seu dever de transmitir a palavra de Deus o põe em contato com os outros”. Seu lugar é a estrada e a praça pública, onde as pessoas se reúnem, onde a mensagem é mais urgente e problemática. “Nenhum setor lhe é indiferente, pois nada é indiferente para Deus”.
3. O profeta é pessoa ameaçada. Característica intrínseca dos profetas como pessoas em constantes conflitos. A vida é uma constante ameaça, proveniente das autoridades instituídas, das pessoas do povo, e inclusive do próprio Deus. Neste caso, Deus como aquele que muda a orientação da vida do profeta, ou seja, o profeta precisa fazer a Vontade de Deus e não sua própria vontade. Exemplos claros ocorreram com Amós (7,14s) e Eliseu (1Rs 19,19-21). Não é estranha a reação de Jeremias se rebelando contra esta coação de Deus (Jr 20,7-9.14-20). Por isso, “no destino dos profetas é prefigurado o de Jesus de Nazaré” e dos cristãos em continuidade na história.
4. Profeta é pessoa de carisma. O carisma rompe todas as barreiras: do sexo, cultural, classes, religiosas e de idade.¹⁷

¹⁵ SICRE, José Luis. Profetismo. In: SAMANES, C. F; TAMAYO ACOSTA, José (org.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 654.

¹⁶ Cf. SICRE, José Luis. Profetismo. In: SAMANES, C. F; TAMAYO ACOSTA, José (org.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 654-655.

¹⁷ Cf. SICRE, José Luis. Profetismo. In: SAMANES, C. F; TAMAYO ACOSTA, José (org.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 655.



2.2 Não dá para servir a dois senhores: os falsos e verdadeiros profetas

A separação dos caminhos ficou bem clara na época de Elias (874-853 a.C.). Com Elias o profetismo tomou o rumo da defesa da Aliança e da vida do povo, contra as prepotências do poder dos reis. Apesar da crítica dos profetas, o rei, mesmo infiel à Aliança, continuava na sua pretensão de ser o “representante de Deus”, ou o “filho de Deus” (2Sm 7,14; Am 7,13). O rei considerava o profeta que o criticava como “flagelo de Israel” ou “inimigo do rei” (1Rs 18,17-18; 21,20).

O conflito entre a monarquia e os profetas foi mais acirrado no período do rei Acab (873-852 a.C.). Ele se casou com a filha do rei Etbaal de Sidônia, a princesa Jezabel. Com esse pacto, o deus Baal foi adotado como divindade nacional de Israel, ao lado de Javé. É diante desse fato que se compreende a denúncia dos profetas. A luta entre monarquia e os profetas era uma luta perigosa, pois o rei e seus funcionários não tinham medo de matar (1Rs 18,13; 19,10). Mesmo assim, apesar de toda a violência e esforço para marginalizar os profetas como heréticos e inimigos de Deus e do povo, eles nunca conseguiram calar a voz dos profetas.

Mas nem todos os profetas tiveram a coragem e a clareza de Elias. Esta luta entre profeta e rei provocou uma divisão interna, dentro do próprio movimento profético. De um lado, havia profetas ligados ao poder opressor da corte real, que usavam a sua autoridade para apoiar o rei: os falsos profetas. De outro lado, havia os profetas que se opunham às pretensões dos reis e dos falsos profetas. O discernimento nem sempre era fácil e até os profetas de Javé tinham dúvidas (Jr 12,1-5; 17,15).¹⁸

Como saber se de fato era um profeta de Javé ou um falso profeta a serviço do Rei? Essa questão é apresentada na própria Bíblia, quando em determinadas situações conflitivas surgiram profetas de vários lados que apontavam para diferentes direções, defendendo interesses contrários. É o caso de Elias e sua vinculação a Javé defendendo a Aliança e lutando contra os 450 profetas de Baal (1Rs 18,22). O problema maior estava quando uma pessoa se apresentava em nome de Javé, como foi o caso do rei Jeroboão II, que agiu orientado pelo profeta Jonas (2Rs 14,25). Talvez seja devido esse contexto que Amós não queria ser chamado de profeta, nem discípulo de profeta (Am 7,14), pois suas ações e profecias eram

¹⁸ Cf. A LEITURA Profética da História. São Paulo. CRB; Loyola, 1992. p. 19. (Col. Tua Palavra é Vida, 3).



claramente contrárias a política do rei. Já o profeta Miquéias, proclama um oráculo contra os profetas que enganavam o povo (Mq 3,5). Por isso, ele foi reconhecido como um profeta cheio de coragem, do espírito do Senhor e de força para denunciar (Mq 3,8).¹⁹

A proliferação dos falsos profetas é questão instigante e seu esclarecimento torna-se oportuno para compreender a profecia bíblica e sua atualidade. Seguindo a reflexão de Sicre, quatro razões explicam a expansão dos falsos profetas. 1) O peso sociológico da monarquia que atrai ao seu redor pessoas dispostas a defender seus interesses; 2) A importância concebida cegamente à tradição que transforma as pessoas em papagaios, ou seja, repetidores das ideias, sem dar atenção a Deus, nem aos acontecimentos; 3) O desejo de agradar ao povo e não se confrontar-se com a realidade; 4) O desejo de triunfar e buscar uma vida tranquila baseada no poder, prestígio e na bonança.²⁰

Como que na contramão surge a resistência e a voz profética, que pode ser resumido segundo Samuel Almada em quatro aspectos: 1) denúncia das injustiças/pecado; 2) anúncio de juízo e castigo aos responsáveis; 3) chamado a conversão e mudança e 4) anúncio de salvação.²¹ Para Almada, a profecia de Miqueias oferece uma oportuna síntese da mensagem ética dos profetas, destacando a prática da justiça, extremamente vinculada à misericórdia e à fidelidade, como fundamento da verdadeira devoção e obediência a Deus (comparar com Am 5,21-24; Os 6,6; Zc 7,9-10; Tg 1,27). “O Senhor te declarou o que é bom, e o que ele espera de ti: somente fazer justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com teu Deus” (Mq 6,8).²²

Somente entende-se os profetas a partir de sua inserção sócio-política. A visão demasiadamente e perigosamente religiosa da fé incorpora, frequentemente os profetas como se fossem meros reformadores religiosos. Esquecendo-se de que o tom mais forte de sua missão são as

¹⁹ Cf. VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Profecia: resistência e esperança*. São Paulo: Paulinas; Siquém. 2003. (A História da Palavra I, p. 98).

²⁰ Cf. SICRE, José Luis. *Profetismo*. In: SAMANES, C. F.; TAMAYO ACOSTA, José (org.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 656.

²¹ Cf. ALMADA, Samuel. *Bíblia e Teología para trabajar por la justicia y la paz en el mundo actual*. In.: CARAM, María José e LEGUIZAMÓN, María Alejandra (org.). *La justicia y la cuestión del otro vulnerado*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2019. p. 47.

²² Cf. ALMADA, Samuel. *Bíblia e Teología para trabajar por la justicia y la paz en el mundo actual*. In.: CARAM, María José e LEGUIZAMÓN, María Alejandra (org.). *La justicia y la cuestión del otro vulnerado*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2019. p. 49.



questões sociais e políticas. Somente situados no horizonte político, das lutas pela construção de uma sociedade fraterna é que se compreende verdadeiramente o profeta. A vida dos profetas gira em torno dos acontecimentos políticos de seu tempo, marcada pelos conflitos com o poder estabelecido dos reis e dos sacerdotes.²³

Essa realidade ajuda a compreender o motivo pelo qual o profetismo sempre é rechaçado pelas instituições sociais e mesmo religiosas. Os profetas, são frequentemente contestados e questionados, quando não perseguidos, porque perturbam, inquietam e desinstalam. Carlos Mesters diz que o profeta percebe nas situações concretas da vida um curto-circuito entre o ser e o fazer, entre a doutrina e a prática. O profeta é a sentinela de Deus, pois está sempre atento. Por isso, o profeta denuncia, desinstala, perturba, derruba estruturas falsas. O profeta tem, segundo a Bíblia, uma função crítica na comunidade. Crítica que alcança as falsas concepções Deus, da religião e da vida.

- 1) *Falsa concepção de Deus.* O profeta bíblico lembra ao povo que o Deus de Israel é o Deus forte, presente na história, libertador e comprometido com seu povo. Exige que o povo cumpra sua parte na Aliança feita com Deus (Dt 30,15-20). Todavia, o povo de Israel abandonou seu Deus, seguindo os deuses pagãos, ídolos vazios, que não exigem das pessoas compromisso algum. Javé não é assim, ele é único, todo-poderoso, libertador e exigente! Por isso, os profetas pregam veementemente contra a idolatria, convidam o povo à conversão e insistem na observância da Aliança.
- 2) *Falsa concepção da religião.* O povo é muito apegado à prática cultural. Dizem os profetas: se a comunidade (nação) não voltar para o verdadeiro Deus e à observância da Aliança, com suas consequências práticas, o culto prestado a Deus é falso e inútil. A prática religiosa é falsa, pois eles prestam culto a Deus, mas não levam a sério aquilo que Deus propõe, ou seja, o que está na Escritura. Agindo assim, o culto é apenas um rito de fachada, pois fé e vida estão desligadas. “Definitivamente, trata-se de intento de manipular Deus, de eliminar suas exigências éticas,

²³ Cf. SILVA, Marcelo Augusto Veloso. *Elias: O juízo sobre a monarquia ou a desfeita de Baal.* (Estudos Bíblicos, p. 36-37).



contentando-o com oferendas, sacrifícios de animais, peregrinações e orações”.²⁴

- 3) *Falsa concepção da vida*. Se Javé, o Deus libertador, for trocado pelos ídolos, se a religião é falsa e ritualista, leva-se uma vida sem nenhum compromisso sério. Livre para tudo e como consequência lógica é uma vida pervertida: prostituição (2Rs 16,4), idolatria, exploração social, luxo e orgias (Mq 2,1-8; Am 6,1-7; 8,4-7). Contra esse tipo de vida, contrária à Lei de Deus e à Aliança, é que os profetas pregam.

3 Profetas da justiça, da solidariedade e da mística

O apelo à conversão e à mudança exigida pelos profetas passa por três caminhos, interligados: *a justiça, a solidariedade e a mística*.

3.1 O caminho da justiça: mudar estruturas injustas da sociedade

A justiça é como o fio de ouro que perpassa, articula e costura as muitas páginas da Bíblia. Não é um tema entre outros, mas se constitui em coluna mestra na vida dos profetas. “A justiça é um atributo central de Deus, é um elemento constitutivo da salvação; a justiça inter-humana é a exigência central que Javé inculca e que deve caracterizar essencialmente o seu povo”.²⁵

Os profetas lutam para que vida do povo seja organizada novamente de acordo com o projeto da Aliança, expresso na Lei. Não são pregadores teóricos, mas denunciam bem claramente as injustiças e apontam as causas. Através das denúncias procuravam criar novas leis que favorecessem a vida do povo. Uma delas é a lei do Ano Jubilar ou do Ano Sabático (Lv 25; Dt 15) que visava criar uma estrutura agrária mais justa no país. É neste nível da luta pela justiça que se travava o confronto entre rei e profeta. O profeta cobrava do rei observância da

²⁴ SICRE, José Luis. Profetismo. In: SAMANES, C. F.; TAMAYO ACOSTA, José (org.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. p. 659.

²⁵ AGUIRRE, Rafael; VITORIA CORMENZANA, Francisco Javier. Justiça. In.: *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la Teología de la liberación. v. II. p. 541.



Aliança. Exigia que dentro do território confiado ao rei se realizasse o Projeto de Deus.²⁶

É preciso entender bem o que significa “justiça” na Bíblia, porque existe uma ideia de justiça que perpassa toda a tradição ocidental, mas que é bem diferente da concepção bíblica.²⁷ Segundo essa concepção, justiça é cega, surda e imparcial. Na Bíblia, por sua vez, o justo por excelência é *Javé*. E Deus, pelo contrário, não é nem cego, nem surdo e nem imparcial, mas é um Deus que “vê” a opressão, “escuta” os clamores contra os oprimidos e “desce” para libertá-los da opressão dos Egípcios e conduzi-los a uma terra que “mana leite e mel” (Ex 3,7-10). Portanto, toma o partido dos pobres, e das vítimas e, por isso, é conhecido como o Deus dos pobres, o “Deus de rosto curtido”. Na boca de Judite: “tu és o Deus dos humildes, o socorro dos oprimidos, o protetor dos fracos, o abrigo dos abandonados, o salvador dos desesperados” (Jd 9,11). Na boca de Maria: o Deus que “depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias” (Lc 1,52-53).

A justiça está intrinsecamente vinculada à problemática do direito, e mais concretamente do direito do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro representantes simbólicos de todos os pobres. Fazer justiça é respeitar e fazer valer o direito dos pobres, oprimidos e fracos. Nas palavras do profeta Jeremias: “Assim disse Iahweh: praticai o direito e a justiça; arrancai o explorado da mão do opressor; não oprimeis estrangeiro, órfão ou viúva, não os violenteis e não derrameis sangue inocente neste lugar” (Jr 22,3).

Sendo assim, quando Jesus resume os mandamentos da lei de Deus em apenas dois: amar a Deus e ao próximo, isso não exclui, mas está implicitamente presente a dimensão da justiça. Um amor ao próximo ou uma fé em Deus que se esquiva da justiça deixar de ser consequentemente, amor e fé cristã. Não somente para os profetas o amor e a justiça se complementam, mas com Jesus é critério do Reino de Deus. É condição dada por Jesus buscar o reino de Deus e a sua justiça (Mt 6,33). Não é um mandato optativo, portanto, mas uma dimensão intrínseca da fé cristológica. Por isso, Jesus pode afirmar categoricamente: agir com misericórdia, praticar a justiça é condição para herdar a vida eterna (Lc 10,25-37), para tomar parte no banquete escatológico (Mt 25,31-46).

²⁶ Cf. A LEITURA Profética da História. São Paulo. CRB; Loyola, 1992. p. 20. (Col. Tua Palavra é Vida, 3).

²⁷ Cf. COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 33.



3.2 O caminho da solidariedade: mudar o relacionamento na comunidade

Depois da destruição de Samaria (722 a.C.) e diante da impossibilidade prática de mudar a estrutura, tanto da monarquia como dos grandes impérios, a fidelidade à Aliança começa a insistir mais no caminho da solidariedade. Isto aparece claramente em Dt 15,1-18.

Na comunidade do povo de Deus não pode haver pobres: “Em teu meio não haverá nenhum pobre!” (Dt 15,4). Todos devem poder viver na partilha perfeita dos bens, entregues por Deus a todos. A comunidade, sendo pequena, não controla a vida do mundo, nem consegue eliminar as causas econômicas, sociais e políticas que produzem a pobreza, por isso, “nunca deixará de haver pobres na terra; e é por isso que eu te ordeno: abre a mão em favor de teu irmão, do pobre e do indigente em tua terra” (Dt 15,11). Na medida em que os pobres entrarem no âmbito da comunidade, esta, sem diminuir em nada a luta pela justiça, deverá acolhê-los dentro da comunidade, “em teu meio não haverá nenhum pobre!” (Dt 15,4). Os pobres aparecem sempre na história do cristianismo como questão fundamental para avaliar evangelicamente a vida de uma comunidade cristã. Com Jesus será retomado este mesmo anúncio profético ao declarar a necessidade de preocupar-se com os pobres *sempre* (Jo 12,8). Para Johan Konings: “Eles [os pobres] estão no âmbito da comunidade (“convosco”) como estavam no âmbito do povo de Israel (“teu pobre, na tua terra”, Dt 15,11)”.²⁸

²⁸ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 236. O professor Nelson Tonello, por sua vez, prefere fazer uma diferenciação entre pobre “empobrecido pela injustiça” e o “pobre necessitado de misericórdia” (Dt 15,4.11). “No original hebraico, o v. 4 se refere ao ‘pobre’ empobrecido/oprimido/injustiçado, isto é, uma pessoa que têm condições de ter uma vida digna, mas não encontra justiça. A palavra usada é ‘ANAW/ANAWIM’. Assim, não deve jamais haver ‘*anawim*’ no meio de vocês. No v. 11 a palavra ‘pobre’ remete aos pobres de misericórdia, isto é, pobres circunstanciais (doentes/enfermos/portadores de necessidades especiais/acidentados/idosos...). É possível que nas famílias e comunidades existam pessoas que necessitam de uma mão solidária, misericordiosa, enfim, de ajuda: por si mesmas não conseguem viver com dignidade. O termo usado é ‘EBION/EBIONIM’. Então sempre haverá ‘*ebionim*’ no meio de vocês, mas não pode haver ‘*anawim*’ entre vocês porque é sinal da injustiça”. A partir dessa diferenciação, Tonello interpreta também as palavras de Jesus em São João: ‘pobres sempre tereis convosco’ (Jo 12,8), certamente se referia aos pobres de misericórdia. Caso contrário, estaria comprometendo o projeto do Reino de Deus” (grata consideração feita por Tonello, em leitura deste texto. É professor na área bíblica, desde a origem do Itepa na década de 80, de Passo Fundo – RS).



Portanto, a comunidade do povo de Deus deve ser uma amostra daquilo que Deus quer para a humanidade. A comunidade fonte de vida contra tudo aquilo que estraga a vida e marginaliza as pessoas. Acolhedora dos pobres, vítimas tanto das injustiças sociais, como de catástrofes, guerras e outras causas. É neste nível da solidariedade que se luta, sobretudo depois do cativo, quando o povo, disperso pelo mundo e já sem independência política e econômica, estava reduzido a uma pequena comunidade, sem poder, perdida no meio de um império multirracial.²⁹

As comunidades cristãs que vivem esses valores da aliança, da forma como Deus deseja, constrói a verdadeira experiência da solidariedade na história. A dimensão da solidariedade enraizada na prática mais essencial das tradições de fé, cujo sentido foi recuperado pelo Papa Francisco em três dimensões. Primeiro, é a capacidade de pensar e agir comunitariamente, a fim de enfrentar as causas estruturais da pobreza e garantir o direito à dignidade de vida para todas as pessoas, superando o fosso da desigualdade econômica que coloca poucos no topo da pirâmide e muitos em sua base. A segunda dimensão é o enfrentamento dos efeitos destrutivos do império do dinheiro, que provoca os deslocamentos forçados, as migrações dolorosas, o trágico humano. Em terceiro lugar, “a solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem”.³⁰

3.3 O caminho da mística: recriar nova consciência no povo

A injustiça maior é a consciência roubada dos pobres. O sistema injusto da monarquia com seus mecanismos ideológicos conseguiu criar nos pobres uma consciência de dependência e de submissão. Introjeter nos pobres uma visão distorcida da realidade e da sua própria culpabilidade. Consciência de inferioridade, ser preguiçoso, pecador e distante de Deus. Assim, o rico podia continuar tranquilo na posse da sua riqueza, sem ser incomodado pelo grito do pobre, pois o pobre era, ele mesmo, o único culpado da sua própria pobreza!

²⁹ Cf. A LEITURA Profética da História. São Paulo. CRB; Loyola, 1992. p. 22-23. (Col. Tua Palavra é Vida, 3).

³⁰ Papa FRANCISCO. *Encontro Mundial dos movimentos populares*. (Terça-feira, 28 de outubro de 2014). Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html. Acesso em: 19 maio 2020.



Enquanto perdurasse no pobre esta falsa consciência, qualquer trabalho de mudança, tanto na linha da injustiça, como da solidariedade, não passaria de uma ilusão. Seria enxerto em galho morto, reboco em parede rachada, operação plástica em cadáver! Como combater esta injustiça básica e recuperar a consciência roubada dos pobres?

Nesse resgate da consciência aparece a importância da ação dos profetas. Eles não somente denunciam as injustiças e os erros, nem só estimulam o povo para a solidariedade, mas também, e, sobretudo, anunciam a partir da experiência da fé que Deus está no meio do povo. Desse modo, o profeta contribui para a formação de uma nova consciência entre os pobres, que já não depende do rico, mas nasce diretamente da fonte da vida: do amor de Deus.

Despertado pela mensagem do profeta, o pobre já não grita para implorar o favor do rico. Ele grita é para Deus, e Deus escuta o seu clamor e responde: “Eu sou Javé! Estou com você! Vá libertar o meu povo!” (Ex 6,2-8; 3,7-15). E desta certeza de que Deus está com eles e o ama, irrompe nos pobres uma nova consciência da dignidade humana, porque são filhos de Deus. É como uma “nova criação”, que quebra o círculo vicioso da ideologia dominante! (Gl 6,15; 2Cor 5,17).

A justiça, a solidariedade e a mística não são três caminhos distintos, como se cada um pudesse escolher o caminho que mais lhe agrada, deixando de lado os outros dois. Não! Os três devem estar unidos entre si. Um caminho não é possível sem os outros dois. Porque, a justiça sem solidariedade e sem mística toma-se mera ação política, sem humanidade e não atinge o mais profundo do ser humano. Politiza e endurece a ação, mas não convence o coração! A solidariedade sem justiça e sem mística torna-se mera filantropia de clubes humanitários a serviço dos sistemas que geram o empobrecimento. Engana a consciência, neutraliza o grito do pobre e impede o surgimento da consciência crítica nos oprimidos. E a mística sem justiça e sem solidariedade toma-se piedade alienada, sem impacto na realidade e sem fundamento na tradição bíblica.³¹

³¹ Cf. A LEITURA Profética da História. São Paulo. CRB; Loyola, 1992. p. 23-24. (Col. Tua Palavra é Vida, 3).



Conclusão

O estudo dos profetas é sempre cativante e desafiante. Cativante porque oferece uma mística esperançosa baseada na justiça, na solidariedade e no amor de Deus presente na história. Desafiante porque o movimento profético encarna o seguimento de Jesus dentro de uma nova lógica: experimentar Deus a partir dos pobres e insignificantes da história. Na expressão de Dom Pedro Casaldáliga: “profeta é aquele que grita com os olhos!”.³² No entanto, deixados à deriva se tornam *flor sem defesa*, uma vez que se atualizam na boca, nos olhos, nos ouvidos e mãos dos seres humanos na história. E daí a pergunta: Onde estão os profetas hoje? E continuam queimando como *sarça ardente* as proféticas palavras de Dom Helder Camara: “não deixe cair a profecia”.

Em momentos como estes necessitamos da espiritualidade profética, para anunciar o Reino de solidariedade e denunciar os males existentes. Nessa época em que vivemos há uma inversão dos valores e inclusive o mais trágico, o sequestro do sentido das palavras. Na linguagem de Isaías, vive-se em um contexto de sociedade que troca o bem pelo mal, a luz pelas trevas, o doce pelo amargo (Is 5,20). Exemplo típico e triste é ouvir o ministro da justiça, o pastor presbiteriano André Mendonça, fazer uso indevido do título “profeta” a um presidente da república.³³ Os próprios profetas bíblicos eram receosos e refutaram receber esse título. No Apocalipse, Deus ameaça vomitar de sua boca aqueles que dizem ter boas obras, mas são indiferentes à justiça e à sensatez: “Conheço as suas obras...” (Ap 3,15-16).

Os profetas não ocupam os tronos, mas pelo contrário, são avessos aos poderes estabelecidos que escravizam e esquartejam a vida do povo. Os profetas são reticentes aos próprios púlpitos, porque seus altares são o chão onde os pobres pisam e atuam entre os *invisíveis* socialmente. São sensíveis às injustiças e sentem compaixão dos pobres e excluídos, e, desta forma, acariciam a carne crucificada de Cristo naqueles/as que são pisoteados. Como bem lembra o Papa Francisco: “*Quem acaricia os pobres, toca a carne de Cristo!*”.

³² Disponível em: <https://amerindiaenlared.org/contenido/15750/o-papel-profetico-da-igreja-e-a-promocao-humana-integral/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

³³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/novo-ministro-chama-bolsonaro-de-profeta-e-promete-mais-operacoes-da-pf.shtml>. Acesso em: 17 jun. 2020.



Uma das lições importantes que brota do movimento profético é a fecunda relação entre amor fraterno e justiça social, ou fé e vida. Em comum acordo com a perspectiva do Papa Francisco: “Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (EG 183). E, assim, liga a fé com a responsabilidade cristã diante dos problemas em todas as dimensões da sociedade. “Embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política, a Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça. Todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção dum mundo melhor” (EG 183).

Ora, a missão de transformação do mundo compete a todos os batizados, não somente a alguns, ou aos leigos como atividade do mundo, pois é do âmbito da fé atravessar todas as periferias existenciais e sociais. Mesmo a atividade política pertence ao coração do Evangelho, porque “a Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, *escuta o clamor pela justiça* e deseja responder com todas as suas forças”. Nessa linha, se pode entender o testemunho de todos os profetas de ontem e de hoje, e mesmo o pedido de Jesus aos seus discípulos: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,7). Missão que para Francisco, “envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos” (EG 188).

Portanto, segundo o Evangelho de Jesus Cristo: “A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza são exigidos a todos” (EG 201). É o convite aberto para o seguimento de Cristo que se atualiza nos batizados. Como lamparinas do evangelho que iluminam as noites escuras da humanidade, como o fermento escondido na farinha, assim os cristãos continuam o movimento profético rumo ao “novo céu e nova terra” (Is 65,17).

Referências

A LEITURA Profética da História. São Paulo: CRB: Loyola, 1992. (Col. Tua Palavra é Vida, 3).



AGUIRRE, Rafael; VITORIA CORMENZANA, Francisco Javier. Justiça. In: *Mysterium Liberationis*. Conceptos fundamentales de la Teología de la liberación. v. II. San Salvador: UCA, 1994. p. 539-577.

ALMADA, Samuel. Bíblia y Teología para trabajar por la justicia y la paz en el mundo actual: Un concepto de justicia desde la perspectiva bíblica. In: CARAM, María José; LEGUIZAMÓN, María Alejandra (org.). *La justicia y la cuestión del otro vulnerado: Acercamientos multidisciplinares en diálogo con la Teología*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2019. p. 39-61.

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.

COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: Amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. Um ensino novo, dado com autoridade. In: VIGIL, José María (org.). *Descer da Cruz os Pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 163-168.

MESTERS, Carlos. *O profeta Jeremias: um homem apaixonado*. São Paulo: Paulus: CEBI, 2016.

MESTERS, Carlos. Conhecendo o Processo de Formação do Povo de Deus. *Curso Bíblico*. v. I. São Paulo: Centro de Capacitação da Juventude: Cebi, 1995.

OROFINO, Francisco. A categoria pobre na Bíblia: permanência e mudança. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de (org.). *A opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 123-138.

SICRE, José Luis. Profetismo. In: SAMANES, C. F; TAMAYO ACOSTA, José (org.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 654-663.

SILVA, Marcelo Augusto Veloso da. *Elias: O juízo sobre a monarquia ou a desfeita de Baal*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 33-40. (Estudos Bíblicos, v. 4).

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. *Reler os Profetas*. Petrópolis: Vozes. 1987. (Estudos Bíblicos, v. 4, p. 8-32).

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Profecia: resistência e esperança*. São Paulo: Paulinas; Siquém. 2003. (Col. A História da Palavra I. v. 2).

WEILER, Lucia. Fidelidad y profecia desde una perspectiva de mujeres profetizas. Revista *CLAR*. Año XLV, n. 3, jul.-sept., 2007. p. 20-29.